

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

QUESTÃO 1

Espera-se que o candidato explique que a característica da crônica sobre a qual a pergunta da leitora incide é a transitoriedade desse gênero, decorrente da relação que esse tipo de texto estabelece com os fatos do cotidiano e com eventos contemporâneos, em função de ser publicado normalmente em jornal e constituir uma leitura rápida, em suportes nos quais se leem outros tipos de texto sem pretensão literária.

A pergunta também se presta ao exame de outro aspecto importante do processo de leitura, que envolve necessariamente o domínio do sistema linguístico, especialmente de elementos da gramática cujo funcionamento se dá sobretudo no plano discursivo. Assim, espera-se que o candidato compreenda o funcionamento do operador **então** e seja capaz de descrever esse funcionamento. Tomando-se o enunciado no plano proposicional, temos uma proposição, com forte apelo retórico, que não se encontra completamente explícita, da qual o operador **então** faz parte: “se a crônica é, como afirma o cronista, esse gênero efêmero e destinado a um consumo rápido, a uma leitura superficial, **então** por que colocá-la em livro, que é um suporte destinado à perenidade das bibliotecas?” A palavra **então** funciona, assim, no enunciado, como um operador de conclusão, colocado numa pergunta em que a conclusão de um raciocínio é objeto de dúvida. É isto que torna possível tomar – já no plano enunciativo - o operador **então** como um marcador de contradição, contestação, como se a leitora dissesse: “O livro de crônicas não seria um paradoxo?”.

QUESTÃO 2

Espera-se que o candidato perceba que as duas expressões mencionadas no trecho jornalístico correspondem a duas estruturas sintáticas diferentes e explique essa diferença. A primeira expressão – “partícula de Deus” – é uma construção em que o termo **de Deus** funciona como um adjunto adnominal do termo **partícula**, o que pode ser descrito em outros termos, atribuindo-se ao termo **de Deus** o papel de determinante do termo **partícula** ou tomando-o como uma expressão de natureza adjetiva. Já a segunda expressão – “partícula Deus” – é uma construção em que o termo **Deus** pode ser tomado como um aposto de **partícula** (função que pode ser descrita como um termo equivalente sintaticamente ao termo **partícula**, isto é, ambos são de natureza substantiva). Ou, numa outra leitura possível, o substantivo **Deus** desempenha diretamente uma função adjetiva, o que leva a um deslocamento metafórico de sentido.

Espera-se ainda que o candidato explicita as diferenças semânticas que o emprego de uma ou outra expressão implica. Dessa maneira, na construção “partícula de Deus”, uma vez que o termo **de Deus** é um adjunto adnominal, **partícula** é qualificada como algo divino ou que pertence a Deus ou provém de Deus. No segundo caso, **partícula** e **Deus** têm o mesmo referente, ou o nome atribuído à partícula é **Deus**, ou ainda a partícula tem a própria natureza de Deus, e de alguma forma equivale a ele.

QUESTÃO 3

Espera-se que o candidato indique duas marcas da informalidade pretendida pelo texto jornalístico em questão e, como solicita o enunciado, expresse a que nível de análise estão relacionadas. A maior parte das marcas é de natureza lexical, como **galera**, **vovozada**, **quebrar**, **trampado**, **grana**, **botar**. Há marcas como **pra**, **tá**, que podem ser tomadas como variantes de pronúncia representadas na escrita.

Espera-se também que o candidato perceba que, quanto ao funcionamento social de algumas dessas marcas, há aquelas que são fortemente relacionadas a grupos específicos – como **galera**, **grana** – e aquelas que são de uso geral, como **tá**, **botar**, que funcionam no português brasileiro como marcas de informalidade para todos os falantes.

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

QUESTÃO 4

Espera-se que o candidato indique que a expressão de duplo sentido encontrada na propaganda é **lavar as mãos** e que explicita os dois sentidos que podem ser atribuídos a ela: o sentido decorrente da combinação dos sentidos do verbo **lavar** e do sintagma **as mãos**, equivalendo a algo como ‘limpar com água as próprias mãos’, e o sentido atribuído à expressão idiomática, já incorporada ao léxico da língua, **lavar as mãos**: ‘não assumir as próprias responsabilidades diante de um evento de que se tem conhecimento’.

Igualmente se espera que o candidato perceba a ironia presente no cartaz, que decorre da articulação da expressão ambígua, mencionada acima, com o enunciado “Aproveita enquanto tem água”. Como a propaganda quer chamar a atenção para os efeitos danosos do desmatamento, entre eles a escassez de água, se o leitor “lava as mãos” (desresponsabiliza-se) para o desmatamento, ele pode ficar sem água para lavar as mãos (limpar as mãos com água). A conclamação imperativa “Aproveita enquanto tem água” funciona ironicamente, justamente por contradizer os próprios objetivos da campanha, ou seja, não se deseja que, de fato, o leitor aproveite a água que ainda resta.

Os elementos visuais do cartaz convergem para o mesmo apelo reivindicativo do enunciado “Aproveita enquanto tem água”: a torneira de onde sai a água – apenas uma gota – está ligada a uma floresta de árvores secas, ou seja, o leitor é lembrado que o fornecimento de água nos aglomerados urbanos necessariamente depende de florestas que estão, muitas vezes, longe dos olhos. Se essas florestas morrem, a água cessa.

QUESTÃO 5

Espera-se que o candidato explicita as diferenças de funcionamento que envolvem a expressão “porque” indicadas nas duas formas de grafá-la. A forma ortográfica **por quê** representa o que as gramáticas costumam rotular como advérbio interrogativo; já a forma ortográfica **porque** representa o que se costuma rotular de conjunção. Essa diferença pode ser traduzida pelo candidato de outras maneiras, desde que apontem para os dois funcionamentos de que trata a questão: a primeira forma substitui a informação requerida em frases interrogativas; a segunda articula proposições ligadas por uma relação de causa ou enunciados ligados por uma relação de explicação. Não se espera que o candidato justifique a acentuação gráfica em **por quê**, mas o fato de abordá-la, desde que juntamente com as diferenças acima descritas, não interfere na avaliação.

Com relação ao segundo enunciado, espera-se que o candidato demonstre a ironia nele contida, que contraria a expectativa do senso comum, segundo a qual, o que valem são as respostas. Na frase de Millôr, perguntar é filosofar, é, portanto, o lugar do conhecimento; responder já seria um ato “pretensioso”, um ato de soberba que distancia o sujeito do lugar do conhecimento. Nesse sentido, a dúvida é mais importante do que a certeza.

QUESTÃO 6

Espera-se que o candidato identifique a expressão responsável pela dependência do texto 2 em relação à imagem: o sintagma **este cavalo-marinho**, ou, mais precisamente, o pronome demonstrativo **este**. Essa relação de dependência decorre do funcionamento do pronome **este**, que consiste em trazer para o interior do discurso referentes diretamente extraídos do lugar de enunciação, operação conhecida como **dêixis**. Espera-se que o candidato explicita tal funcionamento, mesmo que com descrições não amparadas na metalinguagem mais técnica. Elas devem, no entanto, ser precisas o suficiente para revelá-lo.

Quanto ao modo como se organiza a estrutura textual, espera-se que o candidato perceba que, no primeiro texto, o pronome **eles** está disposto antes do termo a que se refere, processo conhecido como **catáfora**, enquanto que, no segundo texto, o pronome se encontra após o termo a que se refere, procedimento conhecido como **anáfora**.

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

QUESTÃO 7

Espera-se que o candidato indique que o conflito consiste na opressão social vivida pelas personagens da família de Fabiano. A seca, mais do que uma fatalidade da natureza, é pensada nesse romance a partir das relações sociais que as personagens estabelecem entre si e com o ambiente físico. À riqueza material da igreja e do comércio se contrapõe a pobreza de uma paisagem devastada pela seca. Ser capaz de perceber a natureza desse conflito e relacioná-lo ao contraste entre os dois espaços, físico e social, significa entender a economia da narrativa de *Vidas Secas*.

Na passagem em questão, os meninos, por não saberem os nomes das coisas, acreditam que o mundo das mercadorias ou dos objetos sagrados das igrejas são forças misteriosas e incontroláveis. Portanto, saber os nomes das coisas significaria, da perspectiva das personagens, dominá-las e alcançar certa autonomia. Espera-se que o candidato indique o poder da linguagem na organização do mundo, franqueando ao homem a compreensão desse mundo ou a submissão a esse mundo.

QUESTÃO 8

Espera-se que o candidato relacione a dúvida do poeta às transformações históricas e sociais da primeira metade do século XX, principalmente aquelas que afetaram direta ou indiretamente a sociedade brasileira: os sinais de uma vida urbana em crescente expansão na cidade do Rio de Janeiro, o que se nota nas novas demandas da vida social (as “mil queixas operárias”), na proeminência do jornal (“pregão dos jornais”) em contraste com a mensagem do poeta que circula ou é confiada pelo poeta “entre ônibus” e está despida dos altissonantes lugares de enunciação. Cabe indicar, nesse contexto histórico, e com base no poema, a guerra e o combate, expressões decisivas que identificam uma época de luta e violência. Portanto, indicado o contexto que provoca a dúvida no poeta, espera-se ainda que o candidato aponte o modo como os poetas reagem a tais acontecimentos históricos (o suicídio, a desistência da escrita e o interesse comercial).

Ao duvidar se haverá lugar para a poesia, e parece não haver, se nos fiarmos nas atitudes dos poetas Rimbaud, Maiakovski e Schmidt, o eu lírico contrapõe o pessimismo à “insistente mas discreta mensagem” de Manuel Bandeira. Espera-se que o candidato seja capaz de relacionar a figura desse poeta a uma atitude otimista de perseverança e esperança, presente nas expressões “confiança maior e pedido lancinante para que não nos deixe sozinhos”.

QUESTÃO 9

Tendo em vista a forma de narrar nos dois livros, espera-se que o candidato identifique as seguintes semelhanças: o caráter digressivo da narrativa, que não se preocupa em alinhar toda a matéria exposta ao leitor (a **embaraçada** meada em Garret e estilo **ébrio** em Machado de Assis); a reduzida importância da ação dramática, fenômeno causado em parte pela quantidade expressiva de comentários irônicos do narrador e sua constante interpelação dos leitores (“Benévolo e paciente leitor” em Garret, e “o maior defeito deste livro és tu, leitor”, em Machado de Assis).

Espera-se que o candidato observe que tal forma de narrar deseja frustrar o leitor impaciente e ingênuo, acostumado às convenções do gênero narrativo, sendo que, nas duas obras, o leitor recebe um tratamento irônico por parte do narrador.

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

QUESTÃO 10

Espera-se que o candidato identifique em Jão Fera uma personagem ambivalente, que não pode ser classificada puramente como vilão ou herói. Jão Fera tornou-se um assassino cruel por conta das vicissitudes que lhe marcaram a vida. Em sua juventude Jão Fera viu Besita, a moça por quem estava apaixonado, e a cujo amor renunciara por não se julgar digno dela, ser violada por Luís Galvão, seu melhor amigo, e, posteriormente, ser assassinada pelo marido. Esses fatos o levaram a trilhar o caminho do crime. Mas a lembrança de seu amor por Besita persiste em sua adoração pela filha dela, Berta, a quem se mantém fiel e a quem protege de todos os perigos ao longo de todo o romance.

Essa ambivalência da personagem pode ser exemplificada de várias maneiras. Jão Fera é matador profissional. Se em uma passagem do romance chega a despedaçar um inimigo com as próprias mãos, em outra salva Berta do ataque de um bando de queixadas. Mas talvez a melhor caracterização dessa ambivalência se encontre naquelas passagens do romance em que as duas faces de Jão Fera se manifestam ao mesmo tempo, evidenciando o profundo sofrimento da personagem com seu destino: tendo aceitado pagamento para matar um homem, descobre que se tratava de Luís Galvão, seu amigo de infância, o violador de Besita, a cuja família, no entanto, se sente ligado por deveres de gratidão, e procura de todas as maneiras restituir o dinheiro recebido para se desobrigar do crime. Também em seu estranho conceito de honra: mesmo sendo matador profissional, nunca ataca sua vítima à traição, pelas costas, sempre de frente, para que ela tenha a possibilidade de se defender. Essa atitude, por outro lado, revela a secreta esperança de ser morto e pôr um fim a sua vida infeliz. Talvez o clímax de sua cisão íntima esteja no capítulo em que, protegendo Berta de seus inimigos, sente ao mesmo tempo despertar em si um violento desejo sexual pela moça, quase chegando a tomá-la à força, mas se contendo a tempo.

QUESTÃO 11

No Romantismo brasileiro, o livro de Manuel Antônio de Almeida representa uma tendência satírica, que faz largo uso do humor e da ironia no retrato dos costumes brasileiros do tempo em que a corte portuguesa havia se transferido para o Brasil. Espera-se, então, que o candidato reconheça que as *Memórias de um sargento de milícias* se diferenciam sensivelmente da tendência dominante na ficção romântica de seus contemporâneos tanto por seu teor cômico e satírico como por sua linguagem, que, ao tom elevado e sublime, prefere a fluidez e a coloquialidade. Por tais características, parte da crítica chegou mesmo a considerá-lo um precursor do Realismo literário entre nós.

Sendo um romance satírico, o livro de Manuel Antônio de Almeida apresenta personagens pouco idealizados, desde seu protagonista, o primeiro exemplo da figura de um malandro na literatura brasileira, até o Major Vidigal, o chefe da polícia e representante da lei e da ordem que ao final da trama ajeita arbitrariamente a situação de Leonardo em troca dos amores de Maria Regalada, por quem nutria uma antiga paixão. Fazendo com que suas personagens encontrem a saída para seus conflitos por meio de artimanhas nem sempre muito honestas, o autor evita as soluções sentimentais e dispensa o herói de se regenerar para merecer o final feliz a que suas aventuras o conduzem.

QUESTÃO 12

Ao final do romance, os *Capitães da Areia* deixam de ser um bando de infratores para se engajar em uma atividade política. Espera-se que o candidato reconheça nesse desfecho o fim de um processo de conscientização que se torna possível porque, na visão do romance, os Capitães da Areia não são criminosos, e sim vítimas de uma sociedade injusta e excludente. Isso permite a passagem da simples luta pela sobrevivência para a luta pela transformação do mundo. Elementos importantes dessa passagem são a descoberta por João Bala de que seu pai fora um líder sindical, e o encontro com o estudante Alberto, que passa a doutriná-los de acordo com a ideologia da organização política a que pertence. Espera-se ainda que o candidato relacione *Capitães da Areia* à literatura de conteúdo social produzida pela geração dos romancistas da década de 1930 à qual pertence Jorge Amado. Nessa época o escritor era filiado ao Partido Comunista Brasileiro, e esta é também a tendência que orientará a nova forma de luta adotada pelos Capitães da Areia. A esperança revolucionária leva a um desfecho otimista e é também responsável pelo caráter algo panfletário do romance, expresso nas palavras que o concluem: “a revolução é uma pátria e uma família”.